

Outubro de 2021 - Arapiraca-AL

PULP ZINE CASTELO

#08



DE NATURALURO



CÁRLISSON GALDINO

Título: De La Naturo
Cenário: 2016

Conto de **Cárlisson Galdino**
2ª Edição

Publicação: Outubro de 2021

1ª Edição em 2004.

Cárlisson Galdino é membro da Academia Arapiraquense de Letras e Artes e da Academia Alagoana de Literatura de Cordel. Escritor de várias modalidades de literatura, especialmente autor de novelas de aventura em folhetim e de literatura de cordel.

<http://blog.cordeis.com/>

DE LA NATURO

Dezenove e trinta e já estou na ativa. Os deuses ajudam a quem cedo madruga. Não sei porque falo isso. Nem acredito mais em deuses! De qualquer maneira, alguma coisa me faz acreditar que é bom acordar cedo. Estranho, não é? Nem lembro mais o que eu pensava antigamente sobre isso. Os deuses ajudavam? Talvez, mas isso não devia me servir hoje. É bom à saúde? Pra quê se eu sou imortal?

A noite já caiu faz um tempo e cá estou, em um armazém abandonado esperando pelos outros — meus aliados — para mais uma arriscada missão. Ouço o barulho e o portão se abre. Sabe, ainda não me acostumei com um telecinético no grupo. Por mais que tente entender, não consigo aceitar o que ele faz. Eu sei que é verdade, pois eu vejo, oras! Mas isso rompe as fronteiras da realidade. E eles ainda insistem que essa parada não é magia!

— Está pronto? — pergunta o próprio psíquico, descendo do carro branco pelo lado do motorista. Do lado do passageiro a porta abre lentamente e ela desce.

— Estou. — respondo e olho pra ela. — Você vai mesmo? Vai ser perigoso.

— Será que você já se esqueceu do que sou capaz?

— Ela quis dizer sim. Vamos logo que estamos sem tempo pra conversa.

— Lógico que eu não me esqueci. — Eu respondi, claro, ignorando o psíquico. — Vamos, então. — Eu a admiro bastante. Sua coragem, seus poderes... Para uma simples humana, ela é uma heroína. Em outros tempos não a deixaria vir conosco, mas hoje creio que o tempo me tenha tornado mais flexível. Eu vou até o carro. — Mas, e o Vendaval?

— Ele foi na frente.

— Ótimo, fez bem. Vamos nessa. — Eu entro no carro e a gente parte dali.

Um carro branco com um grupo de pessoas passando à noite pela cidade. Quem poderia desconfiar de alguma coisa?

Esse carro branco seguiu, saindo da cidade e rodando até uma reserva florestal. Estacionamos quase dentro da floresta. Descemos os três do carro e paramos por algum tempo. O defensor inato da natureza saiu dentre as árvores, com sua monstruosa aparência de porco-espinhante, reassumiu sua aparência humana quando começou a falar.

— Eles estão no Intramundo. Planejam invadir a floresta muito em breve.

— No Intramundo!? Mas isso é ótimo! — fala o telecinético.

— Assim Guilhant pode usar seu poder em totalidade.

Vamos agora?

Caminhamos floresta adentro até que...

— É aqui. Pode abrir o portal agora.

Afastamo-nos do local, enquanto ela fazia um complexo e magnífico ritual. Sim, ela era maga. Na verdade, Vendaval não precisa de portal para ir ao Intramundo, pois é o que eles chama de hoep, um ser extranatural. O acesso a tal mundo é fácil, basta localizar o lugar da passagem. O trabalho é concluído e um portal é aberto.

— Pronto. — dizia ela, enquanto uma luz esverdeada se formava no chão, projetando a figura de uma estrela.

— Esperem. — disse eu, o imortal Guilhant, antes que alguém tomasse a dianteira. — Eu vou na frente.

Todos parecem concordar, afinal já conhecem meu poder. Eu caminho em direção à estrela verde-luminosa. No instante em que coloco os dois pés sobre aquele desenho, já estava no Intramundo, rodeado de huxacs. O que é isso, você me pergunta. Nada pra se preocupar, só uns homens-chacais. Eu sei, eu também acho esses nomes bem esquisitos. Isso me preocupa mais do que esses monstros, que eu elimino em uma fração de segundo com chamas vermelhas e sedentas por carne e sangue. Alguns segundos depois meus companheiros ressurgem.

— Como sempre, formidável! — cumprimenta o psicocinético aliado, ao ver um deserto de cinzas e sentir o bafo quente que preenche o lugar.

— Já? Nem precisávamos ter vindo! — exclama a manipuladora das energias mágicas. Sim, uma manipuladora. Já eu tenho elo direto e permanente com a magia, por isso posso o que posso. Mas, de qualquer forma, devo admitir que ela é muito dedicada e está longe de ser um aliado frágil. Além do mais, eu não conseguiria fazer um portal. Ela estudou magia, eu uso todo o seu poder ao meu critério e gosto. Alguns chamam isso de bruxo, mas não gosto da expressão. Está muito longe da realidade, ao menos no meu caso.

— Não, não acabou ainda. — o hoep olha preocupado ao redor. — Há inimigos poderosos aqui.

Como eles poderiam ter sobrevivido ao fogo de minha ira?

— ...navegando em planos. — fala o hoep, voltando-se para nossa maga.

Ela acena com a cabeça, confirmando a decodificação da mensagem: abaixa-se e começa a riscar no solo com um pedaço de carvão. Bom, talvez demore um bocado... Para que não morrêssemos de tédio, do nada surgiram três cobras de fogo. Enormes serpentes de chamas vivas que levitam e partem contra suas vítimas.

Enquanto isso, como uma fera alucinada, Vendaval parte para cima de uma delas; o psíquico se abaixa próximo da maga, para lhe dar cobertura. É, parece que os outros dois são responsabilidade minha. Utilizando meu magnífico poder – pra que ser modesto? Eu sei que sou foda! –, deslizo rapidamente sobre o solo, passando rapidamente diante de uma das cobras. Como previ, tempo suficiente para que ela errasse o ataque. Fui em direção à segunda serpente, enquanto era seguido pela primeira. Quando as duas estavam prontas para atacar, deslizei bruscamente, a alguns centímetros do chão, deixando as duas se atacarem. Também como previ, após se atacarem uma vez, as duas ficaram furiosas e continuaram se atacando. Simples. Manjado, mas simples. Depois, quando uma vencer, eu volto para acabar o trabalho.

O hoep aplica agora o último golpe. A serpente cai. Voltome para os dois que estão no centro da sala. O psíquico faz um círculo a meio metro do solo, cercando-se com pedras e bolinhas coloridas, que estavam por aí jogadas. O Vendaval começa a se virar para os dois e eu já sei exatamente o que vai acontecer. “Ei, não brinque com isso!”

— Ei! Pare de brincar com isso! — Ele corre até o lugar e pega uma das bolinhas para ver melhor. — Por acaso você sabe o que é isso?

— Uma ximbra verde?

— Não, seu idiota! — Ele se contém, pois lembra que essa não é uma boa hora para brigas. — Isso são Jishiks.

Já sei, já sei, esferas do poder, blá blá blá, mãe natureza, blá blá blá. Eu não tinha tempo para ouvir isso. Talvez até tivesse tempo, mas não tinha saco. Deixo seu discurso para quem ainda não o conhece e vou cuidar de outro assunto: as cobras de fogo. As desgraçadas continuam

brigando. Mas será possível?! Será que vou ter mesmo que matar as duas?

Aproximo-me e grito. Elas continuam brigando. Por que não pensei nisso antes? Elas devem ser imunes a fogo. Mas pelas leis naturais, se alguém é imune a algum elemento, o elemento oposto causa dano dobrado. Cone de frio ia pôr fim a essas vidas imbecis. Concentro minhas energias e aponto os dois braços para elas. Só se vê uma nuvem branca subindo, com a figura de uma cobra olhando a outra de cima, com a boca aberta, enquanto a de baixo estava recuada e seu olhar denunciava que tentaria um bote.

— Que frio, de repente! — A maga se levanta e guarda o pedaço de carvão. Certamente está a meio passo do fim do ritual.

— Você de novo, não foi, Guilhant? — pergunta o convencido telecinético.

— Sim, mas usei só o suficiente pra apagar uma vela. Podia ter gerado mais frio, por isso não reclame.

— Mas será que não dá pra aquecer um pouco? — pergunta a maga enquanto se senta no centro da estranha figura.

— Claro que sim, senhorita. Se assim desejar... — crio três pequenas chamas, pouco maiores que as das extintas tochas. Faço com que flutuem e vão para perto dela, formando um triângulo a cerca de meio metro do chão, com extremos nos extremos da figura que ela desenhara.

— Ah, obrigada! Obrigada mesmo. — fala enquanto posiciona as mãos para a conclusão do ritual. — E, por favor, a partir de agora não me interrompam.

Três chamas, cada uma em um dos extremos de uma figura mágica ajudam na execução do ritual, é o que minha vasta experiência diz.

Não temos tempo a perder, pois surgem dois hoxens. Talvez você nunca tenha ouvido falar esse nome, pois é nome local, eles são mais conhecidos em outras partes do mundo como dragões. Não há problemas. Aliás, eles não são dragões verdadeiros. Podem ser grandes, mas

parecem jacarés superdesenvolvidos. Confie em mim: apesar de gente de outros cantos do mundo chamarem de dragões, eles definitivamente não são dragões. Por isso prefiro chamá-los de hoxens mesmo.

Eles estão vindo para cá, não podemos permitir, pois podem quebrar a concentração necessária para o ritual.

Bem, eu poderia utilizar a velha tática de fazer com que eles briguem, mas não temos muito tempo e eles poderiam destruir tudo por aqui. Talvez seja melhor conjurar minha espada vorpal de fogo e dar cabo deles. Vou nessa!

— Aióóóó!!! — Por que que o Vendaval está me olhando com essa cara?! Por que gritei? Ora... Pronto, um já foi. Agora o outro... Pronto. Só cinco golpes! Ótimo, agora... Ei, por que é que todo mundo está me olhando?

Ela acabou o ritual. É isso, mas o que há de errado?

— Olá. — Essa voz...

— Quem?! Não pode ser... — Não pode ser, mas é! Sou eu! — O que está havendo aqui? Você não sabe com quem está brincando. Volte à sua forma original agora! — A espada ainda está comigo. Preparo-me para saltar sobre ele e... — Ahhh!!!

— Que forma original que nada. Eu sou você amanhã. — Ele fala após disparar uma bola de fogo em minha direção. Isso dói!

— Quê?

Ele salta sobre mim e instintivamente luto contra ele, mas a coisa tá feia. Fogo, água, gelo, raios... Ahhh... Ele me acer...

Está tudo escuro. De repente não sinto mais nada. Será que é isso o que chamam de morrer? Mas não faz sentido. Eu sou imortal! Mas aquele lá... Ele era eu? Como pode?

Eu lembro como vim, parece que foi ontem. Déllora e eu estávamos voltando de uma missão no castelo do famoso

Lorde Dloxàd Rickha. Tínhamos acabado com ele de uma vez e salvo o mundo do grande mal que ele trazia.

Estávamos passando à margem do rio lhugue quando vimos uma imagem. Uma visão. Eram dois olhos vermelhos e brilhantes. Descobrimos que se tratava de um ser que por aqui chamam de carro. Bem, ele nos convenceu a entrar, era bem confortável, mas aí nos trouxe para esse outro mundo. Em poucos dias, simplesmente sumiu.

Enfim, fomos parar nesse mundo esquisito, que parece viver em função de bugigangas. Pelo menos aqui não tem nenhum mago e a Déllora pôde se sentir um pouco como eu.

É... Eu já era estranho no meu mundo, o que dizer nesse outro? Demorou pra eu me acostumar e – não me pergunte como – conseguimos encontrar uns aliados. Um com alguma coisa que eles chamam de "Poder psicocinético" – gostei do nome, não do sujeito – e um "hoep" – não gostei do nome, mas o sujeito não é má pessoa.

Quanto a mim, nunca descobri o que realmente eu sou. Vivo há mais de mil anos e não sei ainda quem sou. Que fazer se não parece existir ninguém do meu tipo pra me explicar isso? Ah mas havia! Havia alguém parecido com o meu tipo. Parecido comigo! O que será que aquele puto sabe sobre nós? Será que é como eu ou só se parece comigo?

Não sei não, mas acho que morto não estou, ainda sinto as asas.

Não, eu não sou um passarinho e também não sou anjo. Meu aspecto é esse aqui mesmo: quase normal. Só minha pele que tem uma cor meio diferente. As asas a que me refiro você não pode ver. Elas estão aqui. Não me ajudam a voar, mas eu sinto sua presença aqui. Nunca podem tocar nenhum objeto, mas existem. Eu sei, é confuso, mas é assim mesmo.

Ah, não acredito que o infeliz me derrubou. Eu, Guilhant, o Imortal, cair assim tão fácil?! Mas isso não fica assim mesmo! Tenho que acordar, nem que precise de magia pra isso...

Espere... Um zumbido... O que será? Besouros? Estão chegando perto e eu aqui caído...

Mas...

Que besouro porra nenhuma, são eles! Estão conversando! Parecem estar falando sobre a Déllora. A irmã dela se chama Mownya e tem cabelos verdes... Eu sei disso! Por que... Não!

— Pare! Ele não sou eu!!!

— O que está havendo afinal?

O sujeito olha para o grupo fazendo cara de sei lá. Deve estar pensando em tomar meu lugar, não sei pra que.

— Olha. Eu sou Guilhant. Eu!!! Entenderam? Ele é o impostor! — grito mas eles não parecem dar muita bola não.

— Certo... — Déllora intervem. — Então diga qual o nome do filho mais novo do meu mestre.

— Ora, era o Glaiu, que só tinha três anos quando você foi embora! — Respondo prontamente. Pulo para perto deles.

— Você adora falar deles!

O grupo se olha surpreso e se afastando de nós dois: o meu sócia e eu. E ele fala.

— Mas isso não é a hora mais apropriada para um quiz!

— Para o quê? — A Déllora pergunta. Mas que é que ele quer dizer?

— Um jogo de perguntas. — Scott responde e olha já suspeitando de quem é o falso por aqui.

— Malditos! Eu odeio vocês! Sempre odiei! — "Esse cara não fala coisa com coisa..." — Mas tudo bem...

Certamente que ninguém entendia nada do que aquele ser estranho e tão parecido – apenas no belo visual – comigo dizia. Enquanto todos tentavam entender, ele dispara um feixe de eletricidade condensada em nossa direção. Feixe

este que desvio facilmente através de um escudo de Espelho de Tulcux.

É possível ver o feixe se desfazendo no caminho, mas é lançado com uma energia tão grande e com uma técnica mágica tão apurada que percorre ainda metros e metros antes de ser totalmente consumido pelo solo do planeta.

A luta reinicia violenta, isso foi apenas o início. Logo estamos trocando bolas de fogo, cones de gelo, pedras, teias, ácido e tudo o que nossa imaginação manda. A luta é ainda mais dura que a anterior: claro, na outra eu o subestimei e agora sei exatamente qual o alcance do seu poder: é grande.

— O quê?! — O grupo está reunido em uma cúpula de vidro certamente criada por Déllora. Ela está muito fraca, eu preciso... — Não!!!

O maldito fez a coisa mais terrível que poderia fazer no momento. Agora ele me paga! Parto com tudo contra ele. Fogo, gelo, pedras, Tucux, luz, evocação de lâminas, chuva ácida, descarga elétrica...

Uma explosão! E que explosão!!! Ele respondeu a todos os ataques e justo na descarga elétrica escolheu mal a resposta. Agora, sim, ele...

—

— Enfim, você perdeu.

A explosão parece que fez mais mal a mim do que a ele, caramba. Estou no chão, todo ferido. Parece que logo me juntarei com Déllora e companhia, ou talvez não.

— Seu idiota. Estragou tudo. A única forma de eu voltar para o meu mundo é eliminando você!

Ele ergue o braço e dispara uma simples flecha de gelo rumo ao meu coração. Consigo perceber o movimento e fazer um teleporte de curto alcance para fugir do ataque. A flecha se quebra na parede.

— Maldito seja! — Enquanto ele se distrai com a raiva, eu junto minhas forças e parto pra cima dele com minha

espada de fogo. Um raio de afogo me atinge em cheio. —
Não, você perdeu.

Perdi nada! A luta prossegue por um bom tempo, até que sinto minhas energias esgotarem. Felizmente as dele parece que também estavam no fim.

A luta continua com socos e chutes, até que finalmente eu caio. O desgraçado me venceu.

Também pudera, conhecemos nossos truques e formas de lutar, pra cada golpe havia uma resposta, enquanto havia golpes.

Caído no chão, minha mão tateia uma bolinha. Pela textura eu sei o que é isso!

Aperto aquela bola com força e um raio luminoso acerta o sujeito, que cai imóvel.

— Você... Não pode me matar. Você está fraco.

— Acho que nós dois estamos, mas eu virei o jogo. Você não é imortal, eu que sou. — Diferente dele, ainda consigo me levantar e caminhar até a sua frente.

— Guilhant...

— Diga?

— É como... Eu... — E morreu.

O que ele diria depois? “..me chamo”!?

A HISTÓRIA TERMINOU?

Depende do que você quer dizer com terminar. Se você gostou da história, avise ao autor. Com base nas opiniões do leitor, poderá haver mais histórias como esta, ou mesmo mesmo uma novela de aventura!

Este conto se passa em 2016, cenário retrofuturista onde há poderes psíquicos e todo um mundo de seres perigosos dentro da Terra. Esta versão mudou muitas coisas, incluindo o uso do cenário Biotunados como cenário auxiliar.

PULP ZINE CASTELO

Pulp Fiction foi um modo antigo de distribuição de contos em modalidade que lembra a Literatura de Cordel. Existiu em vários países, com nomes diferentes.

No Brasil tivemos um período onde fanzines fizeram sucesso. Eram revistas feitas por fãs e fotocopiadas para venda ou distribuição gratuita.

A proposta do Pulp Zine Castelo é juntar os dois elementos e apresentar contos em um formato simples e acessível.

Convido outros autores de contos a publicarem seus contos em seus próprios pulpzines!

Edições publicadas:

1. Pesquisa Espacial
2. O Poeta da Colina
3. Aurora de Prata
4. Kastin
5. Azawagh

6. Ceix Brothers
7. Condenados de Madiva
8. De La Naturo

NOVELAS EM FOLHETIM

1. Jasmim
2. Escarlata
3. Escarlata II
4. Escarlata III
5. Warning Zone
6. Sina
7. O Último Mototáxi de Arapiraca (*em publicação*)

COLETÂNEAS DE CONTOS

1. Contos Psicodélicos

XRZINE

1. O Livro de Nix (RPG infantil completo)
2. Modo Básico (RPG genérico)
3. Sete Ilhas (Cenário de Fantasia Medieval)

4. Animalia (Cenário Kemonomimi infantil)
5. Modo Passatempo (RPG genérico)
6. Neocan (Cenário Cyberagreste)
7. Modo Quintetos (RPG com foco em equipes)
8. Lampejo de Magia (aditivo com regras para deuses e magia)